

O legado musical de Carmen Miranda e a identidade gastronômica brasileira

The musical legacy of Carmen Miranda and Brazilian gastronomic identity

Antonio Gomes de Castro Neto¹
Mirtiline Pereira de Oliveira Leitão²

Resumo

O presente trabalho mostra como a artista Carmen Miranda utilizou elementos da gastronomia brasileira como forma de identificadores da cultura nacional. Carmen Miranda foi a artista brasileira a fazer mais sucesso no exterior, sobretudo nos Estados Unidos com suas músicas e filmes. Apesar de ter nascido em Portugal, Carmen veio ainda bebê para o Rio de Janeiro onde foi criada na periferia da cidade tendo contato com a música e a culinária local, elementos que a influenciaram na criação da sua personagem de baiana. Foi realizado um levantamento de todas as letras das canções gravadas pela artista e identificadas quais as que fazem menção a comidas. Também foi realizado um levantamento bibliográfico como forma de traçar um paralelo entre as gravações e os momentos histórico e político da época. A imagem de Carmen Miranda foi utilizada pelo governo brasileiro como forma de integrar a política da Boa Vizinhança praticada pelos Estados Unidos. Apesar da imagem de fartura de frutas e comidas tentada ser passada pelo governo através de Carmen, a realidade no país era diferente, onde o trabalhador mal tinha condições de comprar alimentos para suas necessidades básicas. Mesmo com uma figura sendo considerada caricata e estereotipada, Carmen Miranda com sua figura singular utilizando cores vibrantes e frutas tropicais na ornamentação de seu famoso turbante, tornaram ela um símbolo de identificação com o Brasil e a própria artista utiliza desses elementos, sobretudo a menção a gastronomia brasileira nas canções gravadas por ela, como forma de exaltar a cultura do país que ela adotou.

Palavras-chave: Carmen Miranda. Alimentos. Música.

¹ Estudante de graduação em Gastronomia pela Universidade Federal Rural de Pernambuco.

² Socióloga e Analista de Pesquisa na Gerência de Planejamento e Gestão do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial de Pernambuco (SENAC-PE).

Contato: litaree@yahoo.com

Abstract

This paper presents how the artist Carmen Miranda used elements of Brazilian cuisine as a way of identifying the national culture. Carmen Miranda was a Brazilian artist to make more success abroad, especially in the United States with their music and movies. Although born in Portugal, Carmen came to Rio de Janeiro still a baby where she was raised on the outskirts of the city having contact with music and local cuisine, elements that influenced the creation of his character of “baiana”. Was made a survey of all the lyrics of the songs recorded by the artist and identified which ones do mention to food. A literature review was also conducted as a way to draw a parallel between the recordings and the historical and political moments in time. The image of Carmen Miranda was used by the Brazilian government as part of the Good Neighbor policy practiced by the United States. Despite the image of plentiful fruits and foods attempted to be passed by the government through Carmen, the reality was different in the country where the worker had barely afford to buy food for their basic needs. Even with a figure being considered caricatured and stereotyped, Carmen Miranda with her singular figure using vibrant colors and tropical fruits in the ornamentation of his famous turban, she became a symbol of identification with the Brazil and the artist herself uses these elements, especially the mention of Brazilian cuisine on songs recorded by her, as a way of exalting the culture of her adopted country.

Keywords: Carmen Miranda. Food. Music.

Introdução

As preferências alimentares de uma população são oriundas da disponibilidade de matérias-primas e tradições da cultura. Essas tradições acabam ditando normas de uso de determinados alimentos, desde como consumi-los a quando consumi-los. As tradições alimentares do Brasil vêm de um misto da cultura indígena (natural da terra), dos colonizadores europeus (sobretudo os portugueses) e dos escravos africanos. Cada povo trouxe seus costumes e hábitos alimentares, os quais foram sendo adaptados à realidade dos ingredientes brasileiros, formando uma gastronomia sincrética e única. Os elementos culturais desses povos formadores da cultura brasileira vão além da influência gastronômica, permeando os hábitos e costumes, a literatura, a música e a dança.

Nascida em Portugal, mas criada desde bebê na cidade do Rio de Janeiro, Carmen Miranda foi influenciada desde cedo por essas culturas na então capital do Brasil, uma cidade cosmopolita. O chorinho e o samba disputavam a preferência nacional no início do século XX – o primeiro, de influência da

música europeia, e o segundo, com fortes traços africanos. Carmen grava os dois estilos, mas preferencialmente os sambas de compositores como Ary Barroso, Dorival Caymmi e Vicente Paiva. Esses sambas, acrescidos da vestimenta da baiana de Carmen, encantam empresários norte-americanos, que a levam para os Estados Unidos, onde faz imenso sucesso em meio a tempos turbulentos de Segunda Guerra Mundial e da Política da Boa Vizinhaça. Sempre alegre e jovial, vestida de baiana estilizada e com um turbante geralmente decorado com frutas tropicais, Carmen leva aos Estados Unidos o samba tipicamente brasileiro, as cores e as frutas, tornando-se um ícone de referência da cultura latino-americana.

Apesar da imagem estereotipada por conta de seu personagem de maior sucesso, a baiana, Carmen consegue mostrar e divulgar a música, o colorido, as frutas e as preparações culinárias brasileiras nos Estados Unidos. Várias das músicas gravadas pela artista remontam aos alimentos típicos do Brasil, mostrando a gastronomia como elemento identificador da cultura de nosso país.

Este estudo pretende mostrar como as comidas se fazem presentes nas músicas da artista Carmen Miranda, e como os alimentos podem servir de elemento identificador da cultura brasileira. Trabalhos já foram feitos levando em consideração a música (KERBER, 2008), a indumentária (GUEDES, TEIXEIRA & SILVA, 2009) e a imagem (BESERRA, 2007) de Carmen Miranda, contudo, os elementos da gastronomia são pouco abordados, deixando uma lacuna em relação a esse tipo de representação cultural, também explorado pela artista nas músicas que gravou. Para tanto, foram consultadas todas as letras das músicas gravadas por Carmen Miranda e feito um levantamento bibliográfico em relação à história da carreira da artista, dos momentos histórico e político do mundo e do Brasil na época.

A identidade cultural

Vários elementos podem ser usados para compor a dinâmica de uma identidade nacional: características étnicas, hábitos, tradições, religião e língua. Para manter a coesão cultural de membros de uma nação, são utilizados sistemas de representação cultural, como textos filosóficos e científicos, obras literárias, artísticas e discursos governamentais (BALIEIRO, 2011). A identidade nacional muitas vezes se apoia em narrativas míticas de um passado imemorial, criando relações de identificação com a cultura da população (ANDERSON, 1991).

A gastronomia, por estar associada aos hábitos de alimentação e culinária, constitui-se como elemento de representação cultural, por materializar as particularidades e vivências de um povo. Através dos tempos, suas especificidades geográfico-culturais e elementos variantes podem ser utilizados como formas de caracterizar um *ethos* cultural e nações. Os portugueses, ao atracarem pela primeira vez em solo brasileiro, surpreenderam-se com as riquezas naturais encontradas e com o fato de os índios não necessitarem de uma racionalização agrícola, devido à fartura da terra, como é mostrado em um trecho da Carta de Pero Vaz de Caminha:

Eles não lavram, nem criam. Não há aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem qualquer outra alimária, que costumada seja ao viver dos homens. Nem comem senão desse inhame, que aqui há muito, e dessa semente e frutos, que a terra e as árvores de si lançam. (CAMINHA, 2003)

Os holandeses, ao chegarem ao Brasil, também encontraram tal fartura de alimentos. Porém, como chegaram mais de um século atrasados em relação a Portugal, depararam-se com uma agricultura mínima e provisões, como o vinho, o azeite e a farinha de trigo, introduzidas pelos primeiros colonizadores (PAPAVERO, 2010). Tanto os portugueses como os holandeses, além de se adaptarem aos elementos naturais do Brasil, foram capazes de trazer alguns de seus ingredientes e desenvolver a agricultura para se fixarem à terra e suprir suas necessidades alimentares.

As adaptações culinárias e a chegada de novos ingredientes acabaram moldando uma nova gastronomia no Brasil Colônia. A gastronomia responde tanto às necessidades biológicas de sobrevivência quanto à cultura do povo que a desenvolve, sendo uma transformadora de natureza em cultura (LÉVI-STRAUSS, 1968). O consumo de determinados alimentos por uma população está relacionado a questões como a ética, a estética e a dietética, sendo a cultura uma das responsáveis pelos critérios do paladar (DUTRA, 2005). A banana, por exemplo, de origem do sudeste asiático, por se adaptar bem ao solo e clima do Brasil, caiu no gosto da população e hoje constitui parte da cultura alimentar e de identificação do país.

As frutas brasileiras exerceram um absoluto fascínio sobre os holandeses, sobretudo durante o governo do conde João Maurício de Nassau-Siegen. Vários artistas foram contratados para retratar as belezas da terra conquistada, entre eles, Frans Post e Albert Eckhout. A obra de Post está mais focada nas

paisagens, tanto que muitos de seus quadros apresentam o título ou subtítulo *Paisagem Brasileira*, sempre retratando em primeiro plano as palmeiras e a vasta e rica vegetação, com cenas de construções ao fundo e, frequentemente, pessoas em situações triviais diárias (OLIVEIRA, 2005). Eckhout preocupou-se mais em retratar os tipos etnográficos, os índios, os negros e a miscigenação que já se apoderava da população. Contudo, é notável o deslumbramento que a flora tropical brasileira exerceu sobre o artista. Ao todo, ele pintou doze telas de natureza morta, representando primordialmente as frutas brasileiras, como é possível ser visto na obra *Abacaxi, melancias e outras frutas* (FEITOSA, 2006).

Esses símbolos da exuberância das frutas nacionais, que tanto fascínio exerceu sobre o europeu, serão usados de forma iconoclasta mais adiante pela artista Carmen Miranda, na composição de sua personagem da baiana, para, do mesmo modo, exercer um deslumbramento sobre o norte-americano. De origem portuguesa, tendo vivido desde os oito meses de vida no Rio de Janeiro, Carmen foi muito influenciada pelo modo de vida da cidade, sobretudo do bairro da Lapa e dos arredores da Praça XV, locais onde sua família morou a maior parte do tempo. Com um turbante contendo frutas como abacaxi, bananas e morangos, a *brazilian bombshell*, como ela viria a ser chamada nos Estados Unidos, utiliza as frutas como acessórios de figurino para representar simbolicamente o Brasil. Essa representação faz parte da atribuição de significados relacionados à imagem de fartura e ao colorido dos trópicos, pois essa referência mostra o potencial imagético existente no meio natural e humano utilizado para caracterizar a nação brasileira (ARAÚJO & REIS JÚNIOR, 2012).

As frutas inclusive marcam presença nos filmes da artista, como em *Banana da terra*, de 1939, no qual Carmen aparece pela primeira vez caracterizada de baiana interpretando *O que é que a baiana tem?*, de Dorival Caymmi, um compositor até então desconhecido (KERBER, 2008). A fita original contendo o filme *Banana da terra* foi perdida em um incêndio no final de 1940, sendo a única cena existente a de Carmen, pois foi utilizada no filme *Laranja da China*, de 1940, novamente fazendo menção às frutas (SCHPUN, 2008).

Carmen, a intérprete

A música como forma de expressão artística pode ser recriada, dependendo do seu intérprete. Sendo assim, este contribui com parcela importante na produção da música (DART, 1990). Vale ressaltar o fato de Carmen ser também

considerada a intérprete mais famosa e a maior vendedora de discos do Brasil na década de 1930, cabendo-lhe a decisão de escolha sobre o repertório, dando às canções uma identidade musical própria (KEBER, 2008). Por conta de uma apresentação no Cassino da Urca, em 1939, Carmen é descoberta pelo empresário norte-americano Lee Schubert, que ficou encantado com a cantora, fazendo-a assinar um contrato para apresentações nos Estados Unidos (SCHPUN, 2008).

Em seu filme americano mais famoso, *Entre a loira e a morena* (*The gang's all here*), de 1943, ouve-se a voz de Carmen Miranda cantando *Aquarela do Brasil* na sequência de abertura, considerada o samba do Estado Novo, devido ao seu caráter ufanista. Seguindo a cena, aparece a cidade de Nova York ao fundo e a chegada ao porto de um navio com a denominação SS Brazil carregando produtos tropicais, como café e frutas. No desembarque dessas frutas penduradas em uma rede, forma-se um arranjo, o qual faz parte do chapéu utilizado pela artista (LOPES & STEINKE, 2009).

Apesar de as frutas serem mostradas com fartura nos filmes protagonizados por Carmen Miranda e utilizadas como elementos identificadores de uma identidade e realidade nacional para o estrangeiro, no Brasil, a situação mostrava-se contraditória. O estudo *As condições de vida da classe operária no Recife*, publicado em 1932 por Josué de Castro, mostra que menos de 20% da população de trabalhadores consumia frutas, e a quantidade consumida por eles era irrisória (VASCONCELOS, 2001). Esse dado mostra o paradoxo vivido pela população brasileira em relação à imagem nacional vendida pelo governo, ávido por investimentos vindos dos países mais desenvolvidos. O próprio governo, através do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), censurou o filme *Entre a loira e a morena*, por conta da sequência final, em que as dançarinas fazem uma coreografia com bananas gigantes, as quais, para a censura, faziam alusão aos órgãos sexuais masculinos (LOPES & STEINKE, 2009).

As músicas e as comidas

Das 281 músicas gravadas por Carmen Miranda, 26 (8,3%) falam ou remetem a elementos da culinária brasileira. Nas letras, é possível observar os hábitos de consumo desses alimentos, e não só os *in natura*, como frutas, mas também preparações como tutu de feijão, vatapá, acarajé, cocada e bebidas como a cachaça e o chope. Essas músicas foram gravadas pela artista no período de 1937 a 1953, compreendendo praticamente toda sua trajetória na mídia, tanto no rádio como no cinema.

O Rio de Janeiro cosmopolita

O centro do Rio de Janeiro recebeu uma grande migração baiana entre o final do século XIX e o início do século XX. Muitos desses migrantes eram negros ex-escravos ou filhos de escravos nascidos livres, atraídos pelas oportunidades de emprego na primeira capital do Brasil, nos portos, no comércio, na prestação de serviços e no exército. Apesar disso, muitos não conseguiam se estabelecer no mercado de trabalho formal, em parte por conta das ideias de incapacidade de desenvolvimento do país devido à maioria da população ser de negros e mestiços. Esse pensamento ganhou força por causa da divulgação de conceitos como o darwinismo social e a eugenia. Por conta disso, a política de imigração passou a facilitar a entrada de mão de obra europeia, sobretudo de italianos, a fim de branquear a população, pois, nesse projeto, os negros e mestiços iriam paulatinamente desaparecer.

Muitas mulheres, sobretudo as negras, destacavam-se no artesanato e ganhavam a vida como costureiras, bordadeiras, rendeiras, doceiras e quituteiras. Geralmente, reuniam-se para produzir sua mercadoria. Para as negras e afrodescendentes, a cozinha era realmente um meio de vida, porque revelava a criatividade de um povo que sobrevivia e se alimentava bem com poucos e simples ingredientes. O candomblé era a principal religião praticada por essa população e as “tias”, como eram chamadas, vestiam-se tradicionalmente como baianas para vender em tabuleiros os doces e outros produtos da culinária da Bahia. Elas faziam parte das paisagens cariocas no início do século XX e exerciam um grande encantamento em Carmen. Entre 1932 e 1933, ela fez uma excursão a Salvador, podendo ver as baianas *in loco*, inspirando-a a encarnar futuramente a personagem com os trajes por ela estilizados, o que lhe conferiu prestígio e visibilidade pública (SCHPUN, 2008). O sucesso de suas roupas foi tão grande que, quando esteve nos Estados Unidos, suas criações substituíram as obras de Dior e Chanel na Quinta Avenida em Nova York (GUEDES, TEIXEIRA & SILVA, 2009).

Os ritos baianos praticados pelas religiões afro-brasileiras relacionam alimentos com santos de devoção. Alguns orixás preferem determinados alimentos enquanto outros têm predileção por preparações diferentes (CRUZ & MACEDO, 2009). O acarajé é considerado comida de santo, sendo ofertado a Iansã e cantado por Carmen Miranda e Dorival Caymmi em *A preta do acarajé*, de 1939, música composta por Caymmi:

Dez horas da noite, na rua deserta a preta mercando parece um
lamento
Iê abará
Na sua gamela tem molho cheiroso pimenta da Costa, tem
acarajé
Ô acarajé ecó olalai ô ô
Vem benzê ê ê

Na letra, são encontradas expressões africanas de exaltação e alimentos como o abará, que se diferencia do acarajé pelo fato de ser cozido. Além disso, há a menção à pimenta. Originária do continente americano, a pimenta foi difundida para o resto do mundo pelos colonizadores portugueses e espanhóis. No Brasil, ela já era usada pelos índios e, com o processo de miscigenação, foi incorporada em várias preparações. Devido à sua ardência, foi tratada como afrodisíaco e, por estar presente em muitas comidas, principalmente na baiana, surgiu a relação do baiano com a sensualidade, sobretudo pelo calor e pelos pratos quentes e temperados. Essa sensualidade está presente nas roupas justas, nos termos de duplo sentido e na dança de Carmen Miranda, com influência desses elementos da cultura da Bahia.

A Segunda Guerra Mundial e a Boa Vizinhança

Ainda no início do século XX, a Europa foi assolada pela Segunda Guerra Mundial e os Estados Unidos preocupavam-se com a simpatia que alguns governos latino-americanos nutriam pelas políticas nazifascistas europeias, sobretudo o governo do presidente brasileiro Getúlio Vargas, que era simpatizante dos ideais alemães. Durante o governo do presidente estadunidense, o democrata Franklin Delano Roosevelt praticou a Política da Boa Vizinhança, introduzida por seu antecessor, o republicano Herbert Hoover. Tal política ganhou um novo formato, tornando-se a principal política externa dos Estados Unidos para com a América Latina. Vários órgãos foram criados para reforçar a união entre as Américas sob liderança dos Estados Unidos. O principal era o Office for Coordination of Commercial and Cultural Relations Between the Americas, criado em 1940, subordinado ao Conselho de Defesa Nacional dos Estados Unidos. Uma das divisões desse órgão era a Divisão de Relações Culturais, tendo como objetivo afastar da América Latina a influência cultural alemã. Após um ano de sua criação, o órgão teve seu nome mudado para Office of The Coordinator of Inter-American Affairs (OCIAA), sob a chefia de Nelson Rockefeller. O OCIAA

bombardeou culturalmente a América Latina, sobretudo o Brasil, mostrando o “*american way of life*” como símbolo de prosperidade e modernidade. Para construir uma boa imagem dos Estados Unidos, várias publicações, como as revistas *Em Guarda* e *Seleções da Reader's Digest* começaram a ser impressas no Brasil (LOCASTRE & FERRAZ, 2005). Em contrapartida, elementos da América Latina deveriam ser levados aos Estados Unidos, para mostrar aos norte-americanos a simpatia dos habitantes do sul do globo (SCHPUN, 2008). Essas políticas, na realidade, possuíam interesses econômicos disfarçados, tanto por parte dos Estados Unidos – interessados em matérias-primas, como ferro e quartzo, oriundas das jazidas do Brasil – como por parte do próprio Brasil em relação aos produtos manufaturados vindos dos Estados Unidos.

Carmen Miranda foi utilizada pelo governo brasileiro para levar aos Estados Unidos a imagem do Brasil, como uma verdadeira embaixatriz sul-americana (BALIEIRO, 2011). Ela tornou-se fundamental para a realização da Política da Boa Vizinhança, levando a música e o exotismo dos latinos para os norte-americanos (SCHPUN, 2008). Branca, de olhos verdes, vestida de baiana, cantando e dançando o samba dos negros, a artista já exercia certo fascínio entre os brasileiros. Apesar dos traços arianos, nos Estados Unidos, ela não era vista como branca, e sim como latina, e é de se notar que, apesar dos aspectos culturais de uma sociedade miscigenada como a brasileira, há uma rejeição a negros nos filmes de Carmen Miranda feitos nos EUA, explicada pelo coordenador do OCIAA no Rio: “Atualmente o Departamento de Informação e Imprensa se recusa a autorizar filmes mostrando pessoas negras, com receio dos Estados Unidos terem uma impressão errada de que o número de negros é maior do que o número de pessoas brancas” (MEDEIROS, 2006).

As primeiras apresentações de Carmen Miranda nos Estados Unidos se dão na Broadway, onde ela interpreta músicas como *South American Way*, em que canta:

E o que traz no seu tabuleiro?
Vende pra ioiô
Vende pra iaia
In South American Way
E vende vatapá
E vende caruru
E vende munguzá
E vende umbu

Na letra, fala-se do tabuleiro utilizado pelas baianas para vender seus quitutes, como vatapá, caruru, munguzá e umbu, pratos típicos da culinária da Bahia. Com isso, sob uma ótica mais ampla, temos uma branca, latina, cantando sobre hábitos de negros. Isso sintetiza a ideia construída por Sérgio Buarque de Holanda, questionador das ideias de tradições herdadas, o qual fazia uma crítica ao conceito de identidade nacional permanente ou fixa, mostrando um desequilíbrio entre as elites dirigente, o Estado e os contornos atávicos da sociedade brasileira, que não conseguiam se expressar devido aos preconceitos de uma ideologia europeizada e elitista (DIAS, 2002). O mestiço passa a ser ícone nacional, e isso ia a favor da política de Getúlio Vargas, que idealizava uma sociedade sem conflitos étnicos (KERBER, 2008).

De volta ao Brasil

Em 1940, Carmen Miranda faz sua primeira visita ao Brasil após sua ida aos Estados Unidos, em ocasião do casamento de sua irmã, Aurora. No porto, ela é recebida calorosamente, contudo, em sua primeira apresentação no Cassino da Urca, ela cumprimenta e canta em inglês, sendo recebida com frieza pelo público. Um mês depois, ela volta a se apresentar e vem com um repertório especial para responder as críticas de americanização e canta *Disseram que voltei americanizada* (SCHPUN, 2008):

Mas pra cima de mim, pra que tanto veneno?
Eu posso lá ficar americanizada
Eu que nasci com o samba e vivo no sereno
Topando a noite inteira a velha batucada
Nas rodas de malandro minhas preferidas
Eu digo mesmo eu te amo, e nunca *I love you*
Enquanto houver Brasil
Na hora das comidas
Eu sou do camarão ensopadinho com chuchu

Na letra, é possível identificar elementos como samba, batucada e malandro, característicos da cultura carioca e das festividades brasileiras com influência negra. Podemos citar Gilberto Freyre, que falava de hábitos alimentares e de uma cozinha sincrética, uma cozinha mestiça, a autêntica cozinha brasileira. O próprio Freyre dá uma importância maior à cozinha do escravo africano (VASCONCELOS, 2001):

Na farinha de mandioca fixou-se a base do nosso sistema de alimentação. Além da farinha cultivou-se o milho; e por toda parte tornou-se quase a mesma a mesa colonial, com especializações regionais apenas de frutas e verduras: dando-lhe mais cor ou sabor local em certos pontos a maior influência indígena; noutros, um vivo colorido exótico a maior proximidade da África; e em Pernambuco, por ser o ponto mais perto da Europa, conservando-se um equilíbrio entre as três influências: a indígena, a africana e a portuguesa. (FREYRE, 2003, p. ???)

Nota-se a comparação feita pelo autor entre a mandioca indígena e o milho de origem mexicana. Para ele, a mandioca torna-se o alimento fundamental do brasileiro, apesar da farinha de milho, conhecida como fubá, muitas vezes substituir a farinha de mandioca na alimentação. O fubá é cantado por Carmen Miranda em uma de suas músicas mais conhecidas, *Tico-tico no fubá*:

O tico-tico tá
Tá outra vez aqui
O tico-tico tá comendo meu fubá
O tico-tico tem, tem que se alimentar
Que vá comer umas minhocas no pomar
Ó por favor, tire esse bicho do celeiro
Porque ele acaba comendo o fubá inteiro
Tira esse tico de cá, de cima do meu fubá
Tem tanta coisa que ele pode pinicar
Eu já fiz tudo para ver se conseguia
Botei alpiste para ver se ele comia
Botei um galo, um espantalho e alçapão
Mas ele acha que fubá é que é boa alimentação

A música é um chorinho composto em 1917 por Zequinha de Abreu, recebendo letra de Aloysio de Oliveira e versão em inglês por Ervin Drake, sendo gravada por Carmen Miranda em 1945. Aparece nos filmes norte-americanos *A filha do comandante* (1943), *Escola de sereias* (1944), *Kansas City Kitty* (1944), *Copacabana* (1947) e na animação dos estúdios de Walt Disney, *Alô, amigos* (1942), quando aparece pela primeira vez o personagem Zé Carioca. No filme *Copacabana*, a música é interpretada por Carmen.

Com seu turbante muitas vezes decorado com várias frutas, os cenários de seus filmes também possuíam frutas, sobretudo bananas. Cantando músicas com letras que falam de alimentos, Carmen Miranda conseguia passar um pouco da diversidade culinária dos trópicos, especialmente do Brasil. As cores das frutas e das preparações tornavam-se mais vibrantes, principalmente numa época em que o cinema a cores estava surgindo, despertando ainda mais o deslumbre do expectador por aqueles elementos e pela figura de Carmen. Apesar de ser considerada estereotipada e caricata, a artista consegue mostrar, com suas performances e usando elementos típicos do Brasil, a imagem de um país miscigenado, com cultura própria e elementos que o tornam singular perante outras nações.

Considerações finais

As frutas cantadas e usadas na indumentária de Carmen Miranda despontam hoje como elementos da alta gastronomia em preparações refinadas. Bolos, tortas e pães de banana são apreciados em todo mundo, sobretudo na Europa. Pavês, doces e cremes de abacaxi são preparados em restaurantes de países como Inglaterra e França. As pimentas passaram a ser cultivadas, existindo mais de 90 variedades, usadas no mais diversos pratos. A tapioca entrou no gosto do norte-americano, comentada em filmes como *Recém-chegada (New in town)*, de 2009, sendo comemorado nos Estados Unidos, no dia 15 de julho, o “Dia do pudim de tapioca”.

É inegável a importância de Carmen Miranda como divulgadora da cultura brasileira no exterior, especialmente nos Estados Unidos. Independentemente da discussão que se trava acerca de uma figura estereotipada ou caricata da mulher, foi ela a responsável pela difusão do samba, da dança, das cores e da gastronomia do Brasil. Assim como os europeus no século XVII ficaram deslumbrados com a variedade de tipos de povos e alimentos vindos do Novo Mundo, Carmen exerceu esse mesmo deslumbre na América do Norte com seu visual exótico e singular, levando em destaque as frutas tropicais. Tendo sido criada no Rio de Janeiro, ela fazia parte de um povo constituído de diversas raças e múltiplas características. Carmen conseguiu demonstrar como a mistura dos diversos povos que constituem a formação da população brasileira pode levar à formação de novos elementos culturais e identificar uma nação.

Referências

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginárias*. Lisboa: Edições 70, 1991. 336p.

ARAÚJO, Gilvan Charles de Cerqueira; REIS JÚNIOR, Dante Flávio da Costa. As representações simbólicas: a pulsão imagética e sógnica na produção dos sentidos no espaço. *Rev. eletrônica de geografia*, Santa Mônica, MG, v. 3, n. 9, p. 93-106, 2012.

BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. Carmen Miranda entre os desejos de duas nações: uma análise de suas personagens baiana e latino-americanas no cinema. In: CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIENCIAS SOCIAIS, 11., 2011, Olinda. *Anais...* Olinda: Universidade Federal da Bahia, 2011. Disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308345058_ARQUIVO_artigocongressolusoafrobra.pdf>. Acesso em: 02 out. 2014.

BESERRA, Bernadete. Sob a sombra de Carmen Miranda e do carnaval: brasileiras em Los Angeles. *Cadernos Pagu*. Campinas, SP, v. 28, p. 313-344, 2007.

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta a El-Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil*. São Paulo: Martin Claret, 2003. 160 p.

CRUZ, Mércia Socorro Ribeiro; MACEDO, Janete Ruiz. A transmissão do saber em elementos da culinária baiana como depositário da tradição cultural: uma análise à luz da contemporaneidade. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 5., 2009. Salvador – BA. *Anais...* Salvador: Universidade Federal da Bahia – Faculdade de comunicação. 2009. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19149.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2014.

DART, Thurston. *Interpretação da música*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. 236p.

DIAS, Maria Odília Leite da Silva. Dialogando com Sérgio Buarque de Hollanda. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 54, n. 1, p. 68-69, 2002.

DUTRA, Rogéria Campos de Almeida. Cozinha e identidade nacional: notas sobre a culinária na formação da cultura brasileira segundo Gilberto Freyre e

Luis da Câmara Cascudo. In: SEMINÁRIO GASTRONOMIA EM GILBERTO FREIRE. 2005. Recife. *Anais...* Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2005. p. 31-36.

FEITOSA, Susanna Busato. A terra, a tela e a letra. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 198-210, 2006.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sobre o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2003. 768 p.

GUEDES, Renato Celestino; TEIXEIRA, Edilene Lagedo; SILVA, Hozanna Regiane da. Moda na década de 40: a performance de Carmen Miranda. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 5., 2009. Salvador. *Anais...* Salvador: Universidade Federal da Bahia – Faculdade de comunicação. 27 a 29 maio 2009.

KERBER, Alessander. Representações étnicas das identidades nacionais argentina e brasileira em Carlos Gardel e Carmen Miranda. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 15, n. 27, p. 325-358, 2008.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *L'origine des manières de la table*. Paris: Plon. 1968. 475p.

LOCASTRE, Aline Vanessa; FERRAZ, Francisco César Alves. Brasil, Estados Unidos e a política da boa vizinhança, através da revista “Em guarda” (1940-1945). In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS, 8., 2005, Londrina. *Anais...* Londrina: Universidade Estadual de Londrina. 2005. v.1. p. 89-105.

LOPES, Valnia Clélia Crês; STEINKE, Rosana. *Carmen Miranda, indumentária e identidade cultural: algumas considerações para o ensino de história*. Produção didático pedagógica. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2009. (Material didático) Secretaria de Estado da Educação.

MEDEIROS, Bianca Freire. Star in the house of mirrors: contrasting images of Carmen Miranda in Brazil and the United States. *Limina: a Journal of Historical and Cultural Studies*. Perth, AUS, v. 12, p. 21-29, 2006.

OLIVEIRA, Carla Mary. O Brasil seiscentista nas pinturas de Albert Eckhout e Frans Janszoon Post: Documento ou invenção do novo mundo?. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ATLÂNTICO DE ANTIGO REGIME:

PODERES E SOCIEDADES. 2005. Lisboa. Actas.... Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2005. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/eaar/coloquio/comunicacoes/carla_mary_oliveira.pdf>. Acesso em 02 out. 2014.

PAPAVERO, Claude Guy. *Alegrias e desventuras do paladar: a alimentação no Brasil holandês*. *Revista de Nutrição*. Campinas, SP. v. 23, n. 1, p. 137-147, 2010.

SCHPUN, Mônica Raisal. Carmen Miranda, uma star migrante. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 451-471, 2008.

VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes de. Fome, eugenia e constituição do campo da nutrição em Pernambuco: uma análise de Gilberto Freyre, Josué de Castro e Nelson Chaves. *História Ciência e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 315-339, 2001.

Data da submissão: 29/07/14

Data do aceite: 25/10/14